

J.101FH

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
28 DE OUTUBRO DE 1907

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Coloniaes..... 400 *
 Brazil (moeda forte)..... 900 *

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 REIS

OS NOSSOS

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º—Da 1 ás 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clinica Geral—Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º—Das 3 ás 5 da tarde
 TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA

MEDICO-CIRURGAO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
 Consultas das 10 ás 11

A. Marques Antunes

ALFAYATE

Fazendas nacionaes e estrangeiras
 Fatos á paizana e á militar

275, Rua Augusta, 1.º D.—1.ª casa vindo do Rocio á direita.

CINEMATOGRAFOS

Vendem-se e alugam-se machinos, fitas e demais pertences. Para tratar: E. CUSTODIO.
 Rua do Bemfornoso, 110—LISBOA.

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitauario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90

Em frente ao mesmo instituto

F. S. C.



Põe toda a gente em contento
 Quando ergue a voz aos espaços
 E canta, com sentimento,
 O Rigoletto e Palhaços.

JANUARIO & MOURAO

Ourivesaria e Joalheria

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

Elisa Vargas Pedrosa

ATELIER DE VESTIDOS

R. DA PRATA, 185 - 2.º LISBOA

Especialidade em enxovaes para noivas

LINDAS VARIEDADES EM APLICAÇÕES

Ultimos figurinos de Paris, Londres e Berlim

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRAÇA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa



EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

GATO PRETO

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.ª, D.—Lisboa.

ANACLETO DE OLIVEIRA + + + +

◆ MEDICO-CIRURGIÃO ◆

+ + + + R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º



Casa Chinezinha

Antiga loja de **CHÁ E CAFÉ**

Chás verdes e pretos
Leques de novidade

Louças e charões
da China e Japão
Lenços de senda da India

O lote mais especial das melhores marcas do
CAFÉ K. 720

JOAQUIM PEREIRA DA CONCEIÇÃO
234, Rua do Ouro, 236

(em frente do Monte-pio Geral)

TELEPHONE N.º 825

JOAQUIM REGO
ARMAZEM POPULAR

N' esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156

LISBOA

Grandes Armazens do Globo Vermelho

DE

José Augusto Ventura

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombriñas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Piugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e liso. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanheiro, Modas e Confeções.
Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO

Rua dos Fanheiros, 209 a 213

LISBOA

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos

CLINICA GERAL

Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

JULIO GOMES FERREIRA & C.ª



Fornecedores da Casa Real

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

Installações completas para agua, gaz e electricidade.

Grande sortido de lustres em todos os generos.

Atelier de Camisaria e Gravataria

ALFREDO MARIANNO G. DOS SANTOS
67, Rua de S. Roque, 67—LISBOA

↳ Variado sortimento em ZEPHIRES INGLEZES ◀

Especialidade em enxovaes para noivos e collegiaes

Peitilhos de piquet, linhos e pannos brancos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS DE MALHA

Encarrega-se de todo o trabalho de roupa branca para homem com a maxima perfeição

assim como bordados, concertos em camisas e engommados

SEMPRE NOVIDADES EM ARTIGOS ESTRANGEIROS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

TABELLA DE CAMISAS E COLLARINHOS

Camisas com peito em pregas de zephir inglez, desde 700 a.....	15000 réis
Camisas com peito em pregas e com punhos de zephir inglez, desde 800 a..	15200 "
Camisas todas de zephir inglez, sem collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15100 a.....	25000 "
Camisas todas de zephir inglez, com collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15200 a.....	25000 "
Camisas com peito liso em bretanha de linho, desde 900 a.....	15200 "
Camisas com peito em pregas em bretanha de linho, desde 15000 a.....	15500 "
Camisas para casaca, com peito em piquet, desde 800 a.....	15500 "
Collarinhos em bretanha de linho, voltados para baixo e direitos, desde....	150 "
Collarinhos em bretanha de linho, ida e volta e de pontas, desde.....	160 "
Punhos em bretanha de linho de qualquer feitio a.....	250 "

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição

COMPRAR



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redação: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
28 DE OUTUBRO DE 1907

NUMERO AVULSO 20 REIS

Condições d'assignatura

(Pagamento adiantado)

SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »



CHÁ E TORRADAS



Este anno, do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, como os notarios tem a balda de chamar a todos os annos passados, presentes e futuros, tem corrido mal, muito mal, segundo dizem os agricultores.

Eu tenho a desventura de morar junto d'uma horta, que em tempos ficava extra-muros, mas que ha pouco passou a ter fóros de cidade, com o respectivo acompanhamento de imposto de consumo, decimas e mais alcavallas com que a fazenda publica vae sugando a emagrecida bolsa do contribuinte.

O hortelão, meu antigo fornecedor de alfaces, couves e cenouras é, incontestavelmente, um bello homem, mas nunca está satisfeito com o tempo e já não acredita no que diz o *Borda d'agua* essa afamada folhinha por onde se regulavam os nossos avós.

Ha dois mezes clamava elle com lagrimas a bailar-lhe nos olhos acastanhados: — O, sr. Pacifico, isto é uma desgraça; ha seis mezes que não chove e a hortaliça está perdida.

— Então a nora para que lhe serve?

— A nora, sr. Pacifico, está quasi seca; em 24 horas não dá nem um almuê d'agua. O que hei de fazer ás couves, aos nabos; valha-me S. Espiridião advogado do crescimento da nabica.

E o pobre homem tentava arrancar

um punhado de cabellos que não encontrava na cabeça que havia annos estava de todo calva.

Sobreveio o equinoxio e com elle os primeiros aguaceiros; a horta ficou ensoxada, a agua da nora cresceu d'um dia para o outro, as couves e os nabos levantaram para o céu as folhas carregadas de seiva e, em meia duzia de dias, o hortelão vendo tudo regado á farta, começou a engordar e a dormir socegado um somno que começava ás 7 horas da tarde e terminava ás 5 da manhã.

Mas o que é bom dura pouco, diz o ditado e assim é infelizmente. A chuva não cessava, a terra ensoxada ia desaparecendo a pouco e pouco na enxurrada e o Anacleto (o hortelão chamava-se Anacleto Sinfronio da Purificação) vendo-me uma manhã a espreitar o estado da atmosphera exclama com inflexão desoladora:

— Veja, sr. Pacifico, veja que desgraça! O nabo já lá vae todo; e alface melou, a couve, ai! a couve gallega em que fazia tanto gosto, está perdida.

— O' homemsinho de Deus, você nunca está satisfeito; ha pouco porque não chovia, agora porque chove; amanhã...

— A' manhã, sr. Pacifico, amanhã a minha rica hortaliça tem ido toda pela agua abaixo e o que me resta para a velhice é pedir uma esmola de porta em porta.

— Qual historia! Então o verão de S. Martinho?

— O verão de S. Martinho, o verão de S. Martinho! Ainda o sr. me vem fallar n'esse figurão que quasi sempre faz partida. Verá, sr. Pacifico, verá que acabo a pedir esmola.

E lá se foi para contar os pés de couve que ainda lhe restavam e espreitar os olhos das alfaces que, realmente, não promettiam grande cousa.

Mas a verdade é que tambem me sinto pouco satisfeito com os malditos aguaceiros. Sempre fui partidario do tempo

secco e conto sempre com o outomno para dar umas passeiatas pelas praias. Este anno fui roubado, escandalosamente roubado. Na unica manhã que fui a Algés apanhei um aguaceiro tocado por um vendaval de sudoeste, que me partiu o chapeo, e me deixou ainda mais ensoitado do que as couves e as alfaces do meu visinho hortelão.

Cheguei a casa n'um pinto e ainda por cima, quando entrava, dou de cara com o Anacleto que me disse com ares de troça:

— Ora salve-o Deus, sr. Pacifico, diga agora que o tempo está enxuto...

— Olhe, vá para o diabo!

E subi a escada a quatro e quatro para me despir e dar uma fricção, com uns restos de alcool camphorado, para evitar uma catarrheira a que infelizmente sou atreito e de que me escapei d'esta vez, nem eu sei como.

Mas, pensando bem, o Anacleto não deixa de ter rasão. Antigamente, a primavera era fresca e perfumada, as flores matisavam campinas e jardins; o outomno era uma delicia e o cair da folha fazia se insensivelmente.

Agora tudo está mudado; a primavera é agreste, o outomno já não tem aquellas deliciosas tardes, suaves e frescas, que me deixavam encantado a ver o sol desaparecendo no horisonte.

O nosso planeta está a pedir reforma, e radical. Que venha quanto antes para não chegar tarde.

Esse terrivel resfriamento ha tanto tempo annuciado pelos sabios, que se divertem a estudar cataclysmos e a calcular a distancia que nos separa do anniquilamento, parece-me que se aproxima, e morrer gelado... brrrrrr!!!

.....
— Maria! Traz-me uma torrada e chá bem quentinho.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS CIENTIFICAS E INDUSTRIAES

CHRONICA

Em o nosso antecedente artigo ferimo-nos ás palavras de Amelia Holbrook que, na sua conferencia de New-York, afirmou que a execução de piano, violoncello e harpa fazia crescer o cabelo aos executantes, ficando irremediavelmente carecas os que tocassem instrumentos de vento. Dissémos mais que, ainda que extraordinaria, esta opinião não era absolutamente desarrasoada. E' o que vamos tentar demonstrar. Exempliquemos:

Ao ouvirmos certas arias, cantos religiosos ou trechos de musica militar, sentimos ás vezes um arpejo percorrer o corpo. O que vem a ser esse arpejo? O que significam esses milhares de pequenas elevações acuminadas distribuidas pela pelle e que obrigam os cabellos a levantarem-se? Essas saliencias são formadas pela contração de milhares de musculos minusculos anexos á superficie dermica. Logo, a musica, ou pelo menos, certa musica é capaz de provocar contrações musculares como o fazem o frio, a electricidade e outros agentes. A musica atua pois ás vezes sobre o corpo como um agente, mesmo como um medicamento. Ninguém põe hoje em duvida a eficacia do frio, do calor, da electricidade no tratamento das doenças; ora, qualquer d'estes agentes não é mais que um conjunto e uma successão de vibrações, exactamente como o som. Não é pois coisa para rir admitir-se que a musica, isto é, o som possa desempenhar, em certos casos, papel igual á luz, á electricidade, etc.

Está provado que certas melodias aceleram o pulso, outras retardam-no, outras ainda regularizam-no.

O que é fóra de duvida é que a musica augmenta a quantidade de sangue que circula nos orgãos. Ao som da musica a respiração torna-se mais frequente e tem-se visto que a musica alegre, excitante, guerreira, modifica mais energicamente a respiração do que a melodia triste e lenta. A musica alegre parece ainda ter a propriedade de excitar as glandulas do suor e, fundado n'este facto, alguém perguntou, se ella não excitará tambem no estomago as glandulas do suco gastrico. Parece que a digestão se efectua melhor comendo ao som da musica. Em Roma, no hospital do Espirito Santo, toca o orgão durante as refeições dos doentes.

Por meio d'um instrumento chamado *ergografo* provou-se que, quando um musculo se encontra absolutamente esgotado pela fadiga, basta executar uma frase musical e fazel-a ouvir ao individuo

esgotado para que o musculo retome a sua actividade.

— Certas e determinadas melodias produzem nos individuos que as ouvem o mesmo efeito do alcool, é o que acontece a uma tribu da Algeria que ao som de musicas especiaes executa danças guerreiras, chegando os sectários d'essa tribu a ferirem-se mutuamente. As crianças são embaladas com cantigas e os adultos obedecem muitas vezes á esta lei. Antegamente curava-se ou tentava curar-se a dança de S. Vito (*Choréa*) fazendo ouvir aos doentes os sons de uma orquestra. Se podéssemos alargar este artigo, poderíamos apresentar ao leitor os milhares de casos em que se apresentava, n'outras éras, a musica para curar enfermidades.

Hoje está provado que a influencia benéfica da musica se faz sentir principalmente nas manifestações morbidas do sistema nervoso e nas doenças mentaes.

— Parece ser a *melancolia* a doença em que a musica produz melhor efeito. Em 1860 o Dr. Laurent, medico do asilo de Mont-de-Vergues organisa n'essa casa de doidos concertos e coros de 16 a 20 vozes, que suavizavam as excitações dos alienados. O mesmo aconteceu em Saint-Lezier e no asilo de Sant'Anna, em Paris. Na casa de alienados de Villejuif, os medicos alienistas, tendo em vista as propriedades calmantes de determinados trechos musicas, applicaram a musica e o canto no tratamento de varias doenças mentaes e conseguiram dar, n'esse asilo, representações teatraes, sendo os coristas escolhidos entre os doidos. No mesmo estabelecimento, um certo numero de doentes, tem sessões musicas umas tantas vezes por semana, tendo-se verificado grandes melhoras nos *melancolicos* e *hipocondriacos* logo apoz estas reuniões.

— Poderá concluir-se, depois do que temos escrito, que a musica é capaz de curar a loucura? De certo que não, quando se tratar da verdadeira loucura, d'aquella que deixa no cerebro lesões irreparaveis, cicatrises, etc; mas ao lado da loucura verdadeira, existem estados especiaes em que a estrutura cerebral se conservou intacta, são as *psicoses funcionaes*. São estas que atiram para a scena do desequilibrio mental com os neurasténicos, melancolicos e hipocondriacos. Em todas estas *psicoses* a musica pode ser de grande eficacia e actuar como a hidroterapia e a electricidade, restabelecendo o equilibrio do sistema nervoso.

ARIOSTO PALMANDO

OS NOVOS

Estão saídos seis numeros do nosso semanario e n'elles temos dado publicação á grande parte das produções que os noveis escriptores nos tem enviado.

Não pudémos infelizmente, como aliás era nosso ardente desejo, inserir nas paginas do *Azulejos* todos os originaes mandados para a nossa redacção; se tal fizessemos seria um descredito para os seus auctores e para nós que consentiamos na sua publicacão. Ainda assim alguns dos que saíram, não mereciam se lhes desse logar n'este semanario, por serem d'uma

extrema fraqueza, roçando os umbraes do rachtismo litterario, ócos e piégas simplesmente.

Fizemol-o para não sermos apodados de menos cumpridores das nossas promessas, mas, uma vez conhecidos os nossos bons intuitos, vamos procurar levantar o nivel intellectual dos originaes dos nossos illustres collaboradores, afim de que incitados, busquem progredir e se elevem acima da banalidade.

Para isso e ainda para mantermos a imparcialidade, norma dos nossos actos, procurámos tres conhecidos e apreciados homens de letras, a quem incumbimos da tarefa d'esta escolha e que nos deram a honra de annuirem ao nos so pedido. Ficam, portanto, sabendo *Os Novos* que todas as suas produções enviadas para o *Azulejos* são, d'ora avante, apreciadas por um jury competentissimo e imparcial, sendo unicamente publicadas aquellas que por elle forem sancionadas.

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus
ao Espiritismo

Eis como este notavel escriptor conta, em *Choses de l'autre monde*, as suas primeiras experiencias espiritas, as suas duvidas, impressões, espantos, e, por fim as suas convicções decisivas.

Estavamos no começo do anno de 1853 quando ouvi falar pela primeira vez no fenomeno das mezas giratorias. Achavamos nos reunidos, eu e alguns amigos, em uma casa da rua de Beaume. O golpe de Estado tinha-nos trazido alguns dias de ocio forçado. O nosso jornal, a *Democracia pacifica*, havia sido suprimido. Por desfastio, por habito, por amizade sobretudo, e por essa necessidade tão natural de desabafar entre nós as nossas decepções e enfadados, tinhamos continuado a ir todos os dias ao ponto da nossa reunião habitual. Uma noite estavamos, três ou quatro, sentados em volta de uma pequena meza que ali se achava. Um de nós sabia o inglez e percorria com os olhos um jornal americano.

— Não é má!... disse, para nós, sorrindo-se.

— Que vem a ser?

— Uma peta de nova especie. Estes Yankees em tudo pescam ideias para lhes servirem de isco aos papalvos. Agora inventaram as mezas andantes.

— Mezas?

— Que andam para a direita, para a esquerda; que se levantam no ar e se deixam cair, executando todos os movimentos compatíveis com a sua estrutura á vontade dos espectadores. Nem mesmo é preciso falar-se-lhes em voz alta, basta impôr-lhes a vontade.

— Vamos!

— Eu traduzo.

E o nosso amigo leu-nos todo o artigo que, com effeito, inumerava todos estes prodigios e indicava a maneira de os obter.

— E' imbecil em demasia...

— Ora... deixal-o... Ainda que o seja, podíamos experimentar, disse um dos do grupo.

Puxámos para o meio da casa uma meza de jantar, pezada e massiça, e sen-

támo-nos em torno d'ella. Collocámos as mãos sobre o tampo e esperámos, segundo a fórmula. Passados alguns minutos, a meza oscilou sob os nossos dedos.

— Quem é o gracejador de mau gosto?...
 Todos protestámos a nossa innocencia; mas cada um, de soslaio, vigiava os movimentos do visinho. N'isto, de repente, a meza levantou-se sobre dois dos pés. D'esta vez não havia duvida possivel; a meza era muito pesada para que um esforço, mesmo o mais bem disfarçado, pudesse fazel-a erguer se d'aquelle modo. Demais como que em ar de desprezo, ella ficou immovel, equilibrando-se em duas pernas e oppondo resistencia aos nossos braços, que procuravam fazel-a retomar a sua posição natural. Só o conseguimos empregando muito maior força.

Entreolhámo-nos um pouco espantados.
 — Mas o que vem a ser isto?
 Depois, a meza poz-se a voltar de baixo das nossas mãos. Puzemo-nos de pé, afastámos as cadeiras e seguimos esses movimentos, que em breve dominámos e dirigimos á nossa vontade.

O fenomeno era real, indiscutivel.
 Cada um de nós por sua vez passou a determinar mentalmente as marchas e contramarchas, as suspensões e balanços, e tudo isto se executava no proprio momento.

No dia seguinte recommecemos, e assim continuámos por uns poucos de dias; os resultados eram os mesmos. Servimo nos de uma meza de jogo, de um velador, e sempre a mesma coisa. O velador, muito mais leve, fazia cabriolas ao contacto das nossas mãos, firmava-se, obedecendo á nossa vontade, sobre cada um dos pés, imitava o movimento de um berço ou o ondular da vaga.

Esta força estava em nós e vinha de nós, evidentemente, pois que era preciso o nosso contacto para animar aquella madeira inerte. *Animar*, era a palavra que nos parecia apropriada, pois que, uma vez as nossas mãos collocadas sobre a mesa, esta já não era uma coisa, era um ser.

Theorias não faltavam.

— Bem, está conhecido, nós communicamos um movimento fisico por um desprendimento de electricidade.

— Não ides mal, dizia Franchot. Não ha remedio senão acceptar esse parecer, pois que não temos outro para lhe oppôr; mas resta-nos uma pequena difficuldade: como explicaes que se transmita assim á materia o nosso pensamento, a nossa intelligencia, a nossa vontade? Porque, no fim de contas, esta meza torna-se intelligente, a menos tanto quanto o mais bem amestrado cão d'agua, pois que executa as nossas ordens. Tanto como um cão ensinado, digo eu? Muito mais, visto que ella para nos comprehender, não necessita de palavras, nem de gestos, e nem mesmo de signaes. E' bastente o querermos para a vermos obedecer immediatamente.

— Mas, em todo o caso, necessario é que assim seja e que nós lhe transmitamos o tino, como lhe transmitimos a força. De outro modo... a que pretendemos chegar?

— Sim... Concordo em que deva ser

assim; mas, a peste me maté se o comprehendo.

— Ah! E nós? Comprehendemol-o melhor?

Ainda não tinhamos chegado ao fim.

(Continúa).

GAZETILHA

Ferros curtos

Meu leitor, minha leitora,
 Sabei por esta quintilha
 Que quem tanto vos adora
 Não faz hoje gazetilha,
 Porque morreu mesmo agora

LAMPARINA

Mascaras illustres



Conego Alves Mendes



O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Magdalena, ao ouvir este supremo insulto, ergueu-se como movida por força extranha, soltando um grito de angustia, por tamanha injuria que a ferira no mais fundo da sua alma!...

No mesmo instante, a porta da sala abriu-se, e Luiz pallido e convulso de indignação, entrou, ainda a tempo, de amparar a pobre joven nos braços, pois tinha desfalhecido, ao vêr o amante.

— Vem, Magdalena, apezar de chamarem a teu pae indigno, por ser liberal, elle nunca seria capaz de insultar uma mulher indefesa!...

O velho conde, tremulo de raiva, bradou enfurecido, dirigindo-se ao filho e indicando-lhe a porta com um gesto energico:

— Saia...

— Immediatamente e para sempre...

Levantou sem extorço nos braços vigorosos a pobre Magdalena, sempre desmaiada, e encaminhou-se com o seu precioso fardo para a carrua-

gem da joven, onde a esperava a sua dama de companhia.

Ao vêr o estado da sua querida menina, como lhe chamava, levantou-se assustada:

Luiz tranquillizou-a dizendo:

— Não é nada, um simples deliquio.

«Em chegando aos Choupos, se estiver peor, mande logo chamar o medico. Depois das Avé Marias, passarei junto do caramanchão; a menina se estiver melhor, que me espere; caso ella não possa, peço-lhe que seja a senhora que lá esteja, para me dizer o que se passou.

Curvou-se sobre a joven, depoz-lhe na testa um casto beijo, e descendo apressadamente, fechou a portinhola. A carruagem partio, e Luiz logo que anoiteceu, seguiu a todo o galope, em direcção aos Choupos.

No caramanchão não estava ninguém... O presentimento de uma desgraça o assaltou, e sem reflectir, entrou na quinta, encaminhandose para casa.

Perguntou pela dama de Magdalena, que em breve veio ao seu encontro, com os olhos inundados de pranto. Logo que o creado se retirou, depois de se certificar de que não eram ouvidos, Luiz acercou-se de Miquelina, que continuava chorando.

— Então? perguntou anciosamente.

— Ah! senhor visconde, está muito mal... o medico diz que não pôde resistir, devido ao grande abalo que teve.

— Minha adorada Magdalena... onde está? quero vê-la!...

— Venha, senhor; e Miquelina conduziu-o até junto do leito da doente.

Magdalena, pallida como um cadaver, parecia dormir... o soffrimento moral e physico tinhalle roubado as forças, causando-lhe aquelle extenuamento que seria a morte... Mesmo assim estava linda, dir-se-hia uma santa, dormindo.

Luiz, entrou com as maiores precauções, mas ella presentindo-o, descerrou as palpebras, dizendo quasi imperceptivelmente:

— Luiz, meu Luiz...

— Minha Magdalena, exclamou elle correndo para o leito e cobrindo-lhe de beijos as lindas mãos

— Como me sinto feliz por teres vindo, meu Luiz... olha, vou morrer e antes de te deixar para sempre, queria vêr meu pae e receber o seu perdão...

— Magdalena, minha linda santa, tu não hasde morrer, pois eu já me não aparto de ti... Teu pae hade vir; perdôar-nos-ha e em breve serás a minha adorada mulhersinha.

Magdalena, sorriu-se, com um sorriso celestial, murmurando desalentada:

— Muito tarde...

(Continúa).

Ainda uma outra parodia soberba e encantadora do illustre Commendador José de Paiva Soares Diniz nos chega ás mãos e que nós publicamos, pedindo venia ao seu illustre auctor.

Tres Cantos.

O' dias luminosos, sempre em festa
 Quando somos crianças, a folgar
 Cantando o hymno de que a letra é esta:
 Gosar! gosar!

O' louca adolescencia, o sonho lindo
 Que nos povôa o somno e o despertar
 Em doce melodia, repetindo:
 Amar! amar!

O' sonho da illusão que foi ventura!
 Fumo que o vento dissipou no ar,
 De que só resta o psalmo da amargura:
 Chorar! chorar!

AMELIA JANNY

Tres tempos.

(Quasi parodia.)

O' crianças tenrinhas que nasceis
 E comeaes, desde logo, a berrar!
 Ninguém vos ensinou! Como sabeis?
 Mamar! mamar!

O' rapazes d'agora, endiabrados,
Só a brincar, a rir e a correr!
Quaes são os vossos principaes cuidados?
Comer! comer!

O' velhos que quereis continuar
A vida dissipada no folgado!
Olhae que agora só podeis chuchar
No dêdo! no dêdo!

J. P. S. D.

A Nossa Estante

Boletim n. 3 (Setembro) da Sociedade de Propaganda de Portugal—
Recebemos e muito agradecemos esta publicação, que como, sempre, vem interessantissima, profusamente illustrada e cheia de bella e util litteratura.

Alma Viuva, versos de José Cordeiro—
No proximo numero apreciaremos este trabalho litterario.

AO LUAR

A's portas da casaria,
prateada do luar,
vêm-se aldeãos conversar
sobre os trabalhos do dia.

No alto do muro, a alvejar,
curiosamente vigia
a arrendada ramaria
d'uma quinta do logar.

Lá dentro do laranjal
enche o tanque, para a rega,
a nora sentimental,

E os rapazes, pela rua,
vão jogando a cabra-cega
á claridade da lua.

LUIZ CEBOLA

Transformação Universal

Tudo se transforma, nada se perde e coisa alguma se cria.

LAVOIRIER

Tudo se modifica sob o império
Da força de influencias, fatal sorte,
E até, que estranho fado! Até na morte,
Até no frio chão de um cemitério.

Desde o homem á planta e ao sêr minério,
De quanto ha de mais fragil ao que é forte,
Tudo transmigra, sem marcado norte,
N'estes mundos de duvida e mystério.

E até o amor que espalha seu affecto
Na graça em que fulgindo se desnuda,
Que é da razão da vida o fim e o objecto,

«Não se cria nem perde», e tambem muda
Na communhão dos sêres; pois, dilecto,
O coração em corações transmuda.

LUCIANO D'ARAÚJO

EJUSDEM FURFURIS

Gabava-se um mercieiro,
E bem *habil* no pesar,
Por não ser ninguém capaz
De em pesos o enganar;

Foi ao talho, comprou carne,
Viu pesa-la, e conferiu!
Pois trouxe só a metade
Do que pagou e pediu!

J. P.

ILLUSÕES PERDIDAS

EDUARDO SARMENTO

(Conclusão)

Decorrem oito dias n'este estado de cousas; e o nono dia nasce com pronuncios de tempestade proxima.

O ceu inspira respeito. O mar bramindo, querendo arrebatrar tudo; os raios perfurando os telhados entram nas casas, matando uns, assombrando outros, lançando por toda a parte a destruição, a ruina; o ribombar do trovão, e por ultimo o tanger do sino da ermida, tudo causa horror!...

Entretanto n'um leito, recebendo os ultimos sacramentos, um homem, um velho, está expirando!

Era o pae da Joanninha!

Conhece que é chegada a hora de se apresentar no Tribunal Divino, e o remorso de ser o causador da tristeza, da paixão que a filha exemplar está sentindo, fal-o soffrer!

Então chama a filha, manda chamar Marcello, e, com a voz repassada de commoção, com as lagrimas nos olhos, unes lançando-lhes a sua benção!

Momentos indiscriptiveis!...

Joanninha e Marcello, curvam-se, beijam o venerando velho, que no meio das caricias filiaes, pede ao confessor que os abençoê tambem, e, assim morre serenamente!...

Se passados dois annos a resurreição fosse possivel ser-lhe-hia dada a prova que para a felicidade não é necessaria a riqueza!

Ser-lhe-hia agradavel ver o viver harmonico, humilde, mas feliz de Joanninha adorada pelo marido a quem adora tambem!

Todavia, que de trabalhos lhe custa esse viver! Elle mourejando dia e noite, revendo-se na enxada que lhe proporciona o pão de cada dia, ella ajudando-o tambem nos pequenos serviços domesticos, e, contemplando a cada passo o fructo do seu verdadeiro e leal amor!

Que felizes se consideram quando á noite extenuados de fadiga, recordam entre mil caricias os sacrificios d'out'ora!

Rapazes e raparigas, segui os exemplos de Joanninha e Marcello!

Não disponhaes nunca da vossa liberdade, do vosso coração, na mira unica do interesse.

Que a amizade seja o vosso talisman*.

FIM

Fados nocturnos

-Deolinda-

À meza d'um café

Rubra coloração orchestral de vermelho,
Harmonia de sol com longes d'uma feérica
Illusão cor do ceu, d'uma visão chimerica
A boiar n'um azul com fulgencias de espelho.

O' resplendor do som, notas de *stradivarius*
A subir, a subir pela amplitude sem fim...
Guitarras a gemer com êstos sanguinarios,
O' cantos auroraes nas boccas de rubim...

Chora o fado nocturno... Os tristes violões
Fallam de ti, mulher, nas quentes vibrações
Todas feitas luar ao brilho das gambiarras.

Evoco-te n'um sonho, ó alma d'esta vida...
E vejo-te chorar sincera, commovida,
Alma peninsular sentida das guitarras...

-Dos «Diamantas negros»-

EDUARDO METZNER

Galheteiro

II

Quando subi a escada, perguntava no primeiro andar um moço de fretes — se o *bestido da xenhora do Xanuario estava prompto*

— Senhora do Januario? Dizia a criada da modista em tom de duvida. Emfim! Vou ver .. e voltava no mesmo instante a contrariar o gallego, que teimava ser esse o recado que lhe dera uma senhora alta e loira, alli para as bandas do Alecrim.

— Traga um bilhete! Ordenava de dentro uma voz femenina coada pelo barulho de uma machina de costura.

E o homem, limpando o suor, descia pacientemente os degraus, contrahida a veronica n'um movimento de antipathia por os que não fallavam a sua lingua, que era tão clara, e o obrigavam a comprehender a d'elles, tão exquissita e intrincada.

Já tarde, quando sahia, voltava de novo o emissario, mas d'esta vez trazendo na mão com ar triumphante um bilhete que decerto iria desfazer o equívoco. Por curiosidade detive-me a remexer a algaibeira e d'alli a pouco com grande espanto ouvi a mesma voz que exigira a prova escripta exclamar rindo:

— Mas então não é para a *Senhora do Januario* como você dizia; tratava-se do vestido de uma senhora do Chat Noir! Fosse lá entendel-o!

Ora esta! E as gargalhadas echoaram na escada, mau grado do moço que tentava explicar-se n'aquella Babel que o endoidecia.

Este ligeiro incidente cuja nota comica uma gazeta explorava dias depois entre duas velhas anedoctas, lembrou-me os meus primeiros dias passados em Lisboa, quando apenas fallava o idioma patrio e conhecia rasoavelmente o francez, levando-me á commiseración por essa creatura, longe da sua terra e obrigado pela necessidade a pôr a lingua a tratos, fazendo-a executar maravilhas de contorcionismo.

Uma das coisas que o portuguez acha mais difficil e que menos procura aprender é a sua lingua. Ha paes que se babbam de goso perante a intelligencia dos meninos, que se revela em coisas que elles não percebem e a que chamam *fallar francez*.

Mas isto é insignificante; as suas con-

sequencias apenas se fazem sentir portas a dentro porque taes habilidades nascem e morrem, em familia.

Cá fora pelas ruas, restaurantes, theatros e reuniões do grande mundo, o facto toma proporções assustadoras; o *estranheirismo*, a começar pelas botas á inglaterra e a acabar pelo chá das cinco horas, é um facto demonstrativo de que os costumes portuguezes improprios para o nosso novo temperamento, debandaram para o polo ou desertaram para a Lybia.

Ha damas que fallam em tres linguas para toda a gente. O unico que as percebe é o caixairo da loja de modas ou do retrozeiro, á força de se ver *grêgo*.

Os hoteis impingem-nos com côres de paisagem e apparencia de obras de pasta, os pratos que em nossa casa usam o modesto nome portuguez mas que alli nos apparecem baptisados com outros que não teem traducção, e se a teem é ridicula.

D'ahi o snr. X a perguntar a uma senhora:

— Que tal? *Beignets de turbot*, gosta?

E ella responder-lhe dengosa:

— Só executada em piano e á *deux mains*.

Já lá vae o tempo em que umas meias bem cosidas e uns fundilhos bem deitados eram a melhor recommendação para casar qualquer menina. Hoje exige-se mais.

A mulher, anciando pela sua independencia, quebrou a agulha, empunhou a penna e invadiu o fóro, o commercio e a litteratura.

Entre nós, ainda não positivamente, e, talvez mesmo nunca. Por emquanto manifesta a sua revolta em ensaios mal succedidos do nosso meio pouco educado para os receber sem surpresa, cobre de exclamações e ridiculo. As saias atrapalham um pouco as marchas acceleradas, e o simples contacto com o padeiro, o leiteiro, etc. e as D.^{as} Fulanas e Cicranas que dizem *auga, cranão e estrudes*, não é util a tornar a mulher portugueza apta a desempenhar na sociedade mais do que a função de dona da sua casa.

Ha senhoras que pretextando innumerables afazeres, quasi não lêem, e nunca escrevem.

No mercado abundam as leituras femininas, livros cheios de verdades e conselhos uteis, que só descem das suas prateleiras onde jazem immaculados, para as mãos d'um salchicheiro a servirem de envólucro ao chispe e á banha. As illustrações e as revistas baratas estiolam ao segundo numero a despeito dos esforços de varios publicistas, e alguns de valor, que conseguem reunir em muitas folhas de papel, e por *dez réis de mel cadoo*, versos, contos, photogravuras, receitas, eu sei, um punhado de coisas boas, e desanimam perante a indifferença com que

a rua lhes acolhe a iniciativa e os sacrificios.

O romance francez, em compensação, vende-se bem, e os livreiros inglezes, não fecharam ainda as suas portas á falta de negocio.

E' a colonia, dirão, mas não exclusivamente.

Na estante de muita familia, genuinamente portugueza, e onde os *Lusiadas* e o *Eurico* brilham pela ausencia, ha as ultimas edições dos romances modernos de Paris e Londres; verdade é que sómente se lhes explora o dourado das encadernações e a fama de possuir uma boa

Portugal pittoresco



CAES DO CÔJO — AVEIRO

Photographia do Ex.^{mo} Sr. Humberto Beça

bibliotheca.

No estylo epistolar, de resto, na lusa lingua, abundam os erros de orthographia e os arabescos mais variados que fariam suar o topete ao mais pintado paleographo.

Mas, quando um gallego, um pobre moço de fretes explica na sua lingua a um portuguez coisas em francez e diz tolice, oh! o que elle ri!

Aux drapeaux décollés!

Como diria qualquer menina contando o caso ás visitas.

MISS WHITE.



Epigramma

Aqui jaz doutor Clisteres,
Homem de grave pensar,
Matou homens e mulheres
E acabou por se matar.

PIRLUME

No proximo numero encetaremos uma nova secção sob o título de *Palestras*.

Devida á penna do nosso apreciado collaborador Jorze, as *Palestras* são um trabalho despendencioso sobre hygiene do espirito e destinado á educação popular.

Coisas da America

O Club das Crianças

I

Foi na companhia de Miss Jessie Peixotto, irmã do fundador e principal director d'esta instituição, que visitámos o *Boy's Club*, instalado n'uma modesta casa d'um dos bairros operarios de S. Francisco da California. Foi ahí, n'esses compartimentos, que, diga-se a verdade, eram desprovidos de tapeçarias e onde

a luz não era abundante, que encontrámos, n'uma alegria louca, vivaz, animada e cordial, algumas dezzenas de rapazes, passeando nos corredôres, subindo e descendo ligeiramente as escadas da habitação, mechendo-se, pulando, gritando e suando felicidade por todos os poros. Eram todos ou quasi todos filhos d'operarios e n'essa noite iam, conforme ordenava o Estatuto do Club, proceder á eleição annual da nova Direcção. Foi n'uma pequena sala em anfiteatro, que teve logar a cerimonia: trinta a quarenta rapazes, sentados, nos degraus, escreveram pensadamente as listas e foram lançal-as na urna, colocada na mesa, que estava situada n'um dos extremos do compartimento e sentados junto da qual se encontravam os membros da Direcção que ia findar o seu mandato.

Corrido o escrutinio, foram proclamados os novos *Presidente*, *Secretario* e *Tesoureiro*. Apoz este acto, o novo *Presidente*, um rapazito de quatorze annos, levantou-se, cumprimentou a assistencia e animando-se-lhe rapidamente o olhar, agradeceu aos camaradas a honra da sua eleição e prometeu fazer tudo ao seu alcance para o bem e prosperidade da instituição.

Estas palavras foram acolhidas pelos associados com três estrondosos *hurrás*, sendo em seguida colocada na sala a bandeira do Club, que o *Presidente* desfraldou e agitou durante algum tempo. acto este que foi acompanhado de ruidosos gritos d'entusiasmo de toda a assembléa.

Levantaram-se logo os novos *Secretario* e *Tesoureiro*, que successivamente agradeceram as suas eleições, apoz o que se deu por terminada a sessão.

Encontrávamo-nos absolutamente estupefactos.

Parecia-nos que estavam na velha Europa e acabáramos de assistir a uma sessão d'Assembléa Geral de *peçoas grandes*. De facto tudo aquillo tinha corrido o mais sério, correcto e simplesmente do mundo, não se notando na maneira de proceder de toda a petizada a mais leve sombra de constrangimento nem de prosápia infantil.

Nem um ligeiro ar de troça ou de

ironia nos gestos ou nas palavras, e quando algum dos associados começava o seu discurso pelo tradicional «Mister President», fazia-o com tanta gravidade como se estivesse em Washington, falando no salão do Congresso. A disciplina, durante a sessão foi, de resto absolutamente impecável e o Presidente chamava á ordem, batendo sobre a mesa com um martelo, quando as vózes se elevavam mais do que permitia a dignidade da situação; e nós, sentados a um canto, pensávamos, quasi envergonhados, o que teria sido uma sessão de rapazes d'aquella idade nos países do Meiodia da Europa. Que troça, que algazarra, cachação para aqui, pontapé para ali, bólas de papel tendo por alvos as cabeças dos directores e acabando tudo a sóco no meio da mais atroadora *chiffrineira* de que teria havido memoria.

Durante a eleição o director Sr. Peixotto, esteve sentado entre os seus amigos, sem proferir uma palavra, sem fazer um gesto, dando-lhes completa e absoluta liberdade d'ação na maneira de dirigir os trabalhos.

Logo apoz a eleição começou o concerto: varios rapazotes cantaram e tocaram piano. O novo presidente regalou-nos com uma aria que executou sentimentalmente com voz de soprano, extensa e bem timbrada. Recitaram-se historias, contos e anedoctas, mas o *clou* da festa consistiu na representação d'uma comedia burlésca da qual se tinha combinado apenas o enredo, de modo que, não se tendo escrito as palavras, cada joven actor improvisava o papel conforme o seu caracter, o seu temperamento, o seu feitio. Foi simultaneamente infantil e genial; era um encanto ouvir os pequenos artistas esforçarem-se a fim de sobrepuzar em graça ou em volubidade o companheiro que lhe dava a *deixa*. Devemos não esquecer que o Sr. Peixotto tambem tinha papel na comedia e era d'um efeito extraordinariamente comico ver aquelle homem de quarenta e tantos annos dizendo graças pueris e contorcendo-se em fantásticas caréttas afim d'excitar a *verve* dos *meninos*. Parecia *Gulliver* representando n'um teatro de *liliputianos*. Foi adorando a festa que terminou por volta das dez, hora fatidica d'ir para a *caminha*.

Nenhum dos rapazes recalcitrou, recolheram a suas casas alegres e descuidados, satisfeitos com aquella *honesta pandega noturna*, mas não sem primeiro se despedirem do Sr. Peixotto a quem apertaram cordial, affectuosa e filialmente a mão. O pobre homem estava enternecido e se não fóra americano houvéra fatalmente chorado.

Fizémos como os garótos, cumprimentámos o director e esboçávamos a frase sacramental da despedida quando o Peixotto nos interrompeu:

Já agora, tenha, paciencia, far-méha a finéza de demorar-se mais uma hora. Desejo que visite todas as dependencias do Club e que fique sabendo como funciona o mecanismo d'esta instituição.

—O prazer será todo nosso, respon-

dêmos, estamos incondicionalmente ás suas ordens.

O que vimos e ouvimos então, deixou-nos completamente pasmados, estupefactos, pequeninos e envergonhados; como este artigo porem já vae longo, reservamo-nos para, no proximo numero, contar ao leitor as impressões colhidas n'esta memoravel noite.

J. M.

TRISTE CANÇÃO

Em redor da casinha, onde nasceste
O povo pesaroso reuniu
Mal de bocca em bocca, atroz, partiu
A noticia, fatal de que morrest:

Sobre a linda mortalha, azul celeste
Que tua mãe, chorando, te vestiu,
O povo, lamentando-te, aspergiu
Pet'las de perfumada flôr agreste.

Encorporou-se no feral cortejo:
O pranto, a dôr e o ultimo lampejo
D'um já fraco, mas lindo raio de sol

E como que chorando melodias,
Ao lento som, das tres Ave-Marias,
Cantava, na balseira, o rouxinol.

RAMIRO MONTES PINTO

A Bonéca

A Quiteria, coitada, era pobrissima:
Contava nove annos e no feira
Uma bonéca vira, gentilissima,
Com vestido de sêda, de *primeira*.

Que louca tentação, como era bella,
Cabêllos penteados em anéis!...
Um ricaço a comprou, que deu por ella
Quantia sup'rior a três mil reis.

A filha do tal rico era uma tonta
E perdeu a bonéca no caminho;
Achou-a a Quiterinha e muito pronta
Do chão a levantou. Tôda carinho.

Co'o avental livrou-a do relento.
"Ai! não sêr minha", disse a pobrezinha,
"Paciencia!" e caminhando a passo lento
Foi entreg'al'a á dôna... Coitadinha!

KLÉTUS

No Cemiterio

(Inedito)

Duas pazadas mais: Caiu na cova escura
O fúnebre caixão. No entanto, vagamente,
Eu olhava o logar triste da sepultura
Em que iria ficar o pobre corpo assente.

Fôra tambem querida aquella creatura
Que ali dormia já, decerto eternamente!
E, meditei então na existencia futura,
Que antevia fugaz, traidora qual serpente.

Pensei na minha vida; e, na linda quiméira
Dos sonhos, que comosco a Morte um dia es-
maga;
Roubando, n'um minuto, o que a Vida nos dera...

Quiz, sonhando, voar na infinidade vaga
Do Espaço... E vêr, bem longe! esta pequena
Esfera...
Talvez me risse então de tudo em que pensava!...

1904

RAFAEL LEZAMETA

Hippismo

Meios a empregar e regras a seguir para pôr um cavallo em perfeitas condições de fazer uma marcha de resistencia.

Antes de encetar a marcha, e sobre tudo se ella é grande, deve-se escolher um cavallo que seja bem aprumado e que tenha boa cascaria, condições que muito se devem attender, porque um cavallo com maus cascos está sujeito a desferrar se, a coxear, a perder o appetite com a força da dor e, portanto, a não seguir a marcha. Supposto isto, vejamos o que se deve fazer. E' necessario pôr o cavallo em folego alguns dias antes da marcha, passeal-o todos os dias uma ou duas leguas ou mesmo mais para vêr se elle perde o appetite durante este tempo. Estes ensaios repetir-se-hão até á vespera da partida. Sem esta precaução o cavallo pode coxear ou adoecer, com interite (1) ou aguido (2).

Em marcha o andamento deve ser regular de maneira que o cavallo faça durante os primeiros dias um terço do caminho ao trote e dois terços ao passo, por exemplo um kilometro ao trote e dois ao passo, sobre tudo para os cavallos que não estejam muito preparados. Com o passo assim desenvolvido avança-se muito mais terreno.

O passo permite ao cavallo de refazer as suas forças, tomar folego, dar força aos musculos e articulações, tornar os membros desembaraçados, socegar os animaes fogaços, pol-os com facilidade em condições de seguir caminho sem lhes perturbar a digestão e sem alterar a respiração. O trote deve ser regular e á vontade.

Augmenta-se progressivamente a duração do trote de modo que, para o fim da marcha, se possam fazer dois terços do caminho n'este andamento e o resto ao passo.

A acceleração do movimento deve depender da força do cavallo e do sangue que tem. Quanto mais sangue mais se augmenta o andamento e vice-versa. Mas isto não tem logar senão quando faça um kilometro ao trote em quatro minutos e ao passo em oito, o que dá aproximadamente dez kilometros á hora, podendo então mudar-se o andamento pondo-o algumas vezes ao galope.

Quanto ás étapes convem fazer o maior numero antes que depois da ração. Nos sitios montanhosos, em subidas e descidas deve pôr-se a pé o cavalleiro para alliviar o cavallo; descansar no quarto ou quinto dia é conveniente porque com o repouso renovam-se as forças.

Se antes da ração o cavalleiro se encontra a alguns kilometros d'agua que não

(1) Inflamação dos intestinos quasi sempre acompanhada de gastrite muito frequente nos cavallos novos e vigorosos, apparece com diversas formas e por isso tem diferentes nomes.

(2) Accumulação de sangue no tecido podophyllo e reticular do pé O agumento é agudo ou chronico.

seja muito fria, torna-se conveniente deixar beber o cavallo, se não for muito quente ou suado, porque n'esse caso teria que pôr a agua em condições de o cavallo a poder beber ou então, depois de beber, acelerar o andamento para aquecer a agua que tenha bebido.

A precaução de fazer beber o cavallo no caminho, é util para quando chegue á cavallaria não ter essa necessidade, nem mesmo algum tempo depois de ser descansado, para que não lhe sobrevenha alguma colica.

Quando chegar á cavallaria refresca-se-lhe a bocca, lavam-se os olhos, as ventas, o anus e os membros. Depois de o prender á mangedoura dá-se-lhe um pouco de feno ou palha e alargam-se as cilhas. Não é necessario tirar o selim quando se dá a ração, e ao deitar só passada uma hora se tira e, sobre tudo, se fôr inverno porque por pouco que esteja quente, ha sempre n'esse sitio mais calor do que no resto do corpo e um golpe d'ar pode interromper a transpiração, occasionando grossas bolhas n'esse sitio que o incomodariam, ferindo-o e tornando-se depois em chaga.

Lisboa, 16 de Outubro de 1907.

(Continúa)

J. GAGLIARDI

A MENINA

A filha creancinha de trinta annos, que diz a todos ter só vinte e seis, alterca com a mãe dictando leis e faz sobre vestidos grandes planos.

A mãe ralha tambem (ralhos insanos!...): «que não ha-de apanhar nem cinco réis!» offendem-se uma á outra, mais cruéis que á unha se injuriam dois bichanos.

De subito a menina pára emfim, caminha para o espelho de côr bacca e dá ao rosto um banho de carmim...

e apóz mais tres demãos de pó d'arroz parece semelhar uma palhaça na cara, na toleima e até na voz!...

MARCO SIRE

CURIOSIDADES

Origem do proloquio popular = *Metter uma lança em Africa.*

Diz-se que tendo alguns cavalleiros ido visitar o condestavel D. Nuno Alvares Pereira, ao convento do Carmo, onde se recolhera, no final da sua heroica carreira, a conversa descahiu sobre cousas de guerra. Entre os visitantes, houve um que, aaventurando a possibilidade de um rompimento com Castella, lastimou, o quebramento de forças em que se encontrava o Condestavel e, que, por tal motivo, elle não poderia, de certo, alcançar tantos castelhanos como d'antes fizera.

Ouvindo isto, o Condestavel franzindo a testa, pegou de uma lança, despediu-a pelos ares, e fê-la ir cahir a extraordinaria distancia, dizendo: — «Se Portugal houver precisão do meu braço, heis-de vêr que metterei uma lança não só em Castella, mas em Africa.»

D'ahi, ao que dizem, nasceu o proloquio.



THEATROS E CIRCOS

Theatro do Gymnasio — *Faze bem*, comedia em 3 actos, adaptação de Camara Lima.

Aborrecer os nossos leitores, gastar tempo, papel e tinta a fallar de peças, que já não prestavam quando eramos creanças, é indício de mau gosto e de menosprezarmos a bondade dos que nos lerem.

Esta pecita que já o grande e saudoso actor Santos tinha traduzido e, apóz elle, outros mais, dá-nos a ideia do bacalhau das casas de pasto, que hoje nos apparece cosido, amanhã albardado e no dia seguinte em pastéis, já com um bocadinho de cheiro.

Não ha ponta por onde se lhe pegue: não tem enredo, não tem graça, não tem situações, não tem... ha, sim, tem 3 actos estopantes.

O senhor Camara Lima, traduziu bem, mas... fazia muito melhor se tivesse aproveitado o seu precioso tempo n' outro trabalho.

Desculpe-nos S. Ex.^a a rude franqueza, mas... *cd na casa...* somos pão, pão, queijo, queijo, ao contrario dos outros jornaes que, ao tratar-se d'um jornalista, deitam sempre agua na fervura.

O *Faze bem* é o actor Joaquim d'Almeida, que o *faz admiravelmente*, apesar de na peça desempenhar uma personagem um tanto disposta a *fazer mal*.

Elle que, para nós e muita gente, é o primeiro actor generico do paiz, vaé inexcusavelmente correcto, desfia phrases e palavras, e consegue n'um *simples* gesto dizer-nos tudo e marcar transições soberbas. Assim acontece na scena da compra dos bilhetes da tombola e na outra, quando junto da mesa descobre o cognac e assucareiro.

Augusto Machado foi correcto.

Ao senhor Vieira Marques lembramos-lhe que leia os *Ridiculos*, onde, com graça, dizem que *he faltam quatro annos para ser actor*.

Mas... o ensaiador quer forçosamente mettel-o em grandes papeis e elle ha-de continuar a não saber dizer... e prejudicar collegas que talvez se podessem aproveitar.

E', por emquanto, actor para rabulas e... não para todas.

Os restantes bem nos seus pequeninos papeis.

D. Maria II — *Motete a duas vozes* — Comedia em 1 acto, original de D. Sofia da Silva.

Para estreia da intelligente actriz Palmyra Torres, subiu em 23 do corrente á scena, em primeira representação, a comedia de abrir, cujo titulo encima a presente noticia.

«*Motete a duas vozes*» é uma pecita leve, banal, sem interesse de assumpto e dialogação, sem requintes e finuras de estylo, mercedora, talvez, de figurar no repertorio dos amadores, mas pouco de molde a brilhar na scena do nosso primeiro theatro de declamação. A sua acceitação, apenas, pode explicar-se por semelhante trabalho ser firmado por uma senhora que, em varios contos espalhados pelos jornaes, tem dado provas de valor.

Posto isto, parece-nos que a comedia da Sr.^a D. Sofia da Silva não era a obra que, por propria, a Empresa devia ter escolhido para apresentar uma artista estudiosa, cheia de boa vontade e talento que, n'outros theatros tem de sobejo evidenciado as suas aptidões e conhecimentos. Com semelhante obra, nem Palmyra Torres, nem Ignacio — o galá da peça — puderam fazer trabalho notavel, mas ambos foram ouvidos com agrado e de camaradagem com o seu collega Joaquim Costa, palmeados, pela forma correcta porque conduziram os seus papeis, os quaes diga-se de passagem, estão fora dos respectivos generos.

Pena foi que o publico olvidasse Araujo Pe-

reira. E' d'elle, a primorosa encenação do «*Motete a duas vozes*», a elle, pois, deveria ter sido dado no final da comedia, o premio do seu bello trabalho.

E lá estivemos... na geral.

ROMANOL

Aos Leitores

Alguem tem propalado que o *Azulejos* acceita bilhetes de theatro e... para isso se fundou. E' redondamente falso, como aliáz veria o menos versado em economia.

O AZULEJOS e o seu critico ROMANOL, não accitam entradas de favor nem tem amigos ou conhecidos dentro dos palcos dos theatros, quando ahi vão apreciar qual-quer peça.

Aviso ás viberas que nos querem mor-der.

A costureira

Tão magra, enfezadita, mette medo, Quando a vejo passar p'ra o «atelier», Quer chova, quer não chova, muito cedo, Lá vaé, mal tem provado o meu café.

Não sei que luz mortiça, que segrêdo, N'aquelle seu olhar que ninguém lê, Quanto mais folhas seccam no arvoredo, Mais triste é o seu olhar... Não sei porquê.

As companheiras sahem quasi roucas N'um rancho folião, alegres, loucas, Nos labios a canção que nada encobre.

Ella comtudo a andar, que mal resiste, Vaé vagorosa, triste, muito triste, Mais triste do que o «Só» d'Antonio Nobre.

Setembro-26-97.

MENEZES FERREIRA

Cumulos

Abriu uma carta á Bertha.

Entoar um canto de pão com manteiga.

Aparar os calos a um pé de vento.

Ferrar um cavallo-vapôr.

A nossa pagina musical

O Ex.^{mo} Sr. Julio José do Patrocínio Simões organista de S.^o Patriarchal e antigo discipulo dos professores E. Lamy e Joaquim Garcia Alagarim, é o auctor da *Marcha* que hoje apresentamos á apreciação dos nossos leitores.

O *Regresso*, que é dedicado ao nosso maestro e companheiro de redacção Alfredo Mantua, é uma nova composição que o seu modestissimo auctor junta ás muitas outras que possui, entre as quaes existem muitas musicas sacras, varias peças d'orchestra e duas missas que são um mimo de sentimento e valor.

Muito lhe agradecemos a honra da offerta e a da sua valiosa collaboração.

Pensamentos

O homem não deve ser governado senão pela sciencia.

VICTOR HUGO

Não desejo que o theatro se torne uma tribuna, mas prefiro que os auctores dramaticos se em geral quem escreve tenha idéas.

ABEL HERMANT

Semana Alegre

- Que fecundo poeta é o Ventura, tabelião...
- Sim?! ..
- E' verdade; quando volta a folha escreve sempre em verso.

VARIADADES

Ervilhas á Cuamata

Deitam-se as ervilhas em uma cassarola e junta-se-lhes: manteiga, olhos d'alfaces, uma capéla de salsa, cebolinhas, dois cravos da India e uma pitada de pimenta... Coloca-se a cassarola sobre lume brando e deixa-se suar e cozer pouco a pouco. Em as ervilhas estando cosidas temperam-se de sal, junta-se-lhes uma concha d'assucar, ligam-se com gêmas d'ovos desfeitas em leite e servem-se.

POSTA RESTANTE

Claro Escuro - Em NB pede absoluta e fiel reprodução do seu soneto, accrescentando ainda: *condição sine qua non*. E' uma especie de *noli me tangere*.

Mas o que deve fazer-se a um soneto que, logo ao principio, tem este interessante verso: *porem... eis já que aclára... a branca aragem O Jácaclára deita tudo a perder, alem do resto.*

Não desanime, mas não principie pelo soneto que é genero difficil. O alphabeto começa por *A B C* e chegar ao *X Y Z* sempre leva algum tempo.

C. J. F. - Que ideia faz o senhor poeta d'um soneto? Quatorze versos, com o numero de syllabas e o accento predominante... á vontade de quem o faz! Valha-nos *S. Cosme*.



Decifreadores

- Do n.º 3
- Em concurso - *Marianno Ribeiro* (12).
- Fóra do concurso - *Cupido*.
- Do n.º 4
- Em concurso - *Marianno Ribeiro* (13-Todas), *A. E. Carvalho* (13-Todas), *Manuel de Sousa* (12).

Decifrações do numero antecedente

Vegetarianismo - *Marcella* - *Risota*, *Rita* - *Alcaria* - *Thomar* - *Fomo* - *Réclame* - *Reinação* - *Nolição*, *noção* - *Marca*, *arca* - *Tela*, *era*, *lá*, *a* - *Memoria*, *memorião* - *Carambola* - *Casto* -

Conclave - *Entrevista* - *Encapellado* - *Lado* - *Ninho feito pega morta* - *Quem compra caro e mente na bolsa o sente* - *Fail*.

Logogrifhos

Em olho de cavallo é mancha, afirma } 2,7,4,5.
Como certo, o visinho ferrador;
E que nos livre Deus d'este flagello } 2,1,6,4,7.
Das maiores tristezas causador.

E' numero fatal, dizem alguns;
Creio que seja assim, sou muito crente. } 6,1,4,7.
Mas se algum lhes disser que é organismo, } 4
Enredo, intriga, série, não lhes mente. } 7,3,5

Fiz em verso um poema, um grande drama
Dividido em tres partes; eram más.
Deitei fóra a primeira e mais terceira..
Porque, peiores do que eu, ninguém as faz.

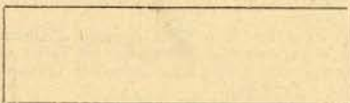
J. P.



Rapido

Templo 1,2 No bonnet 3,4,5,6
Nas flores

J. P.



Charadas

Novissimas

Não é boa, mas é bonita esta esteira-1-2.

J. P.



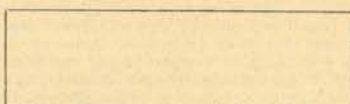
Não sou a favor d'esta virtude porque recebo intimação-2-1.

R. S.



O appellido suspende a egreja por ser materia azotada-2-1-1.

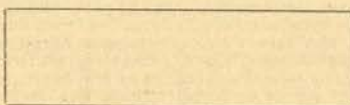
AUROFIJU



Electrica

A's direitas na mulher e ás avessas na mulher-2.

A. BRANDO



Syncopada

3-O basbaque quer a ave-2.

E. RAMOS

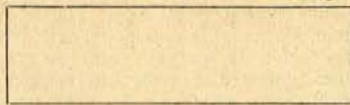


Acrostico

Terras de Portugal

A
Z
U
L
E
J
O
S

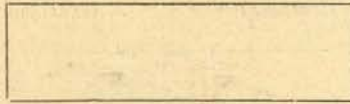
H. SAQUE



Enygmas

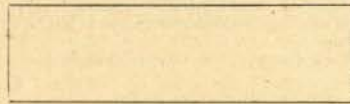
A

J. L.



IO
AA

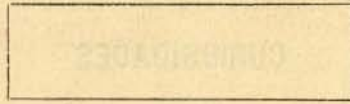
L. DA



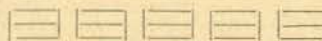
Por iniciaes

D P Á B S P A S
1 2 1 2 1 2 1 2

J. P.



De palitos (duplo)



Tirando 7 palitos é empôla ou freguezia.

A. P.



Artigos a decifrar. 12.

FAZER UMA VISITA

Ménagère de Lisboa

é ficar certo de haver encontrado reunido tudo o que se precisa **de util e necessario, bom e barato.**

Para ter uma habitação confortável, hygienica e commoda o seu proprietario **J. Lino** convida todas as boas donas de casa a visitarem a

Ménagère de Lisboa

sempre e antes de entrarem em qualquer outro **estabelecimento.**

35, Rua do Caes do Tojo, 35

(AO CONDE BARÃO)

Distante do Rocio 5 minutos e 20 rs. de transporte

TELEPHONE 97

Papeis de credito, cambios e loterias

VIERLING & C.^A LIMITADA

Endereço telegraphico: STERLING

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46 — I, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

FLORES PARA CHAPEUS

Coroas, Bouquets, Flores para jairas etc., etc.

FABRICA DE FLORES ARTIFICIAES

DA

CASA DE NOVIDADES

145, R. do Ouro, 149 — LISBOA

Telephone 1210

Retratos a Crayon a 2:000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

ARTHUR GOTTSCHALK

Engenheiro

PALACIO FOZ-LISBOA

Teleg: Magneto

Telephone n.º 821

Installações electricas para luz e transmissão de força em cidades, fabricas, theatros, caminhos de ferro etc. etc.

MACHINAS, APPARELHOS E LAMPADAS PARA ELECTRICIDADE

Ventoinhas electricas, Cabos aereos para telephonia e telegraphia, Pára raios, telephones, campainhas.

As installações electricas feitas nas principaes casas de luxo tanto em Lisboa como nas demais cidades do reino são feitas por esta acreditada casa.

Pedir projectos, orçamentos, plantas e conselhos technicos á casa

ARTHUR GOTTSCHALK

PALACIO FOZ-LISBOA

Grillo & Sá

ARTIGOS DE PHOTOGRAPHIA

55 — Rua Nova do Almada — 57

LISBOA



**FILTROS
CHAMBERLAND
SYSTEMA**

PASTEUR

Os unicos para a absoluta purificação das aguas
Approvados por unanimidade pela Academia de Medicina de Paris.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS — PREMIO MONTYON — Exposição Universal de Paris, 1900 — 2 grandes premios — Classes III Hygiene Geral, 121 Hygiene Militar.

Os Filtros Chamberland Systema Pasteur, são os unicos que pela sua composição especial podem ser radicalmente esterilizados. Adoptados nos Hospitais civis e militares, Sanatorios, Lyceus, Institutos, Clubs e casas particulares.

J. L. DE MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias
R. Nova do Almada, 79 — LISBOA
NOTA — Remettem-se catalogos illustrados

GRANDE DEPOSITO

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

